

Pesquisa Participante, Extensão Universitária e (De)Colonialidade: produzir conhecimento, transformar e transformar-se

Nina Paula Laranjeira
Instituto Biorregional do Cerrado – IBC

O trabalho apresentado resulta da experiência de quase duas décadas na Extensão Universitária Popular. A Extensão Universitária (EU) é entendida como um eixo chave da vida acadêmica, capaz de integrar, de forma indissociável, o ensino e a pesquisa, proporcionando formação integral de todas/os que passam pela academia.

Objetiva-se debater a pesquisa participante (PP) como metodologia para produção de conhecimento contextualizado, no âmbito da EU, e como forma de promover abertura epistemológica adequada a esta produção, e também à transformação de dada realidade, à formação discente e docente, e à reestruturação das relações na universidade.

Partimos de pressupostos teóricos e da práxis desenvolvida em projetos de extensão universitária popular, para discutir a PP, a partir das teorias decoloniais.

Um pressuposto é que, neste contexto de crise civilizatória, a Universidade precisa fortalecer o diálogo com a sociedade e a participação nos processos de transformação para uma sociedade mais sustentável, incluindo justiça social e epistêmica (SANTOS, 2005; CASTRO-GOMEZ, 2007; THIOLENT e COLETTE, 2020).

O **segundo** é que não há sustentabilidade e justiça social sem: compreensão (crítica) da realidade e humanização da ciência. Falamos da abertura para o diálogo entre disciplinas e com outros conhecimentos: Transdisciplinaridade (NICOLESCU, 1999), Interculturalidade (WALSH, 2012) e Ecologia de Saberes (SANTOS, 2010).

Nos referimos à PP, incluindo a pesquisa-ação, como campo metodológico, em sua vertente latino-americana, edificado sobre legados de Orlando Fals Borda e Paulo Freire. Entendemos que estes autores trazem elementos precursores das teorias decoloniais, como observado por Mota Neto (2018) e Oliveira e Oliveira (2022).

Adotamos também a caracterização de Jaumont e Varela (2016) para pesquisa militante: inter-relação entre teoria e prática; superação da dicotomia sujeito-objeto; contextualização social e histórica; superação do colonialismo intelectual; compromisso de pesquisadoras/es com a proposta; criatividade no uso de métodos, técnicas e ferramentas de pesquisa.

As teorias decoloniais originam-se no coletivo (latino-americano) modernidade/colonialidade, apresentado por Castro-Gomes e Grosfoguel (2007) e Mignolo (2017). Este último, refere-se ao conceito de Colonialidade, expresso no projeto da Modernidade, inaugurado com a invasão pelos europeus da atual América Latina, tráfico e escravização de africanos. A Modernidade teria outro lado, indissociável e obscuro, a Colonialidade: duas faces da mesma moeda. A Colonialidade seria então, um conceito decolonial.

A discussão trazida pelos estudos e teorias decoloniais deve guiar a metodologia da PP, onde ação, formação e produção de conhecimento acontecem concomitantemente. Oferecem

categorias como racismo, patriarcado e justiça epistemológica, por exemplo, estreitando laços entre Universidade e camadas populares.

Bringel e Maldonado (2016) discutem a práxis, a subversão e a libertação em Fals Borda. Tais elementos, presentes também em Paulo Freire (2005), nos remetem ao giro decolonial: compreender a realidade sócio-histórica para traçar caminhos para o giro, para a libertação.

Ao pesquisar junto às comunidades, a escuta, sensível ao lugar de fala de cada um transforma o olhar de quem pesquisa. Estudantes e docentes têm oportunidade de interagir em diálogo horizontal com diferentes realidades, sob novo viés. Um giro metodológico na Universidade, humanização das relações. É uma forma de atuar (práxis), sem dúvida, subversiva e libertadora para todas/os que se envolvem.

Palavras chave: pesquisa militante, educação popular, giro metodológico

Referências

- BRINGEL, B.; MALDONADO, E.E. Pensamento crítico latino-americano e Pesquisa Militante em Orlando Fals Borda: práxis, subversão e libertação. *Direito & Práxis*, vol. 07, n. 13, p. 389---413, 2016.
- CASTRO-GOMEZ, S. Decolonizar la Universidad: La hybris del punto cero y el diálogo de saberes. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGUÉL, Ramón (ed.). *El giro decolonial: Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007.
- _____; GROSGUÉL, R. Prólogo. Giro decolonial, teoría crítica y pensamiento heterárquico. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGUÉL, Ramón (ed.). *El giro decolonial: Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007.
- FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2005.
- JAUMONT, J.; VARELLA, Renata V.S. A Pesquisa Militante na América Latina: trajetória, caminhos e possibilidades. *Direito & Práxis*, vol. 07, n. 13, p. 414---464, 2016.
- MOTA NETO, J. Paulo Freire e Orlando Fals Borda na genealogia da pedagogia decolonial latino-americana. *Folios*, 48: 3-13, 2018.
- NICOLESCU, B. *O Manifesto da Transdisciplinaridade*. Campinas-SP: Triom, 1999.
- OLIVEIRA, Kátia L. S.; OLIVEIRA, Gracy K.A.P. A educação freiriana pelas lentes do anticolonialismo e dos estudos pós-coloniais e decoloniais. *Reflexão e Ação*, v. 30, n. 1, 2022.
- SANTOS, B. de S. *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. 3a ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- _____. *A Universidade do século XXI. Para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade*. São Paulo: Cortez, 2005.
- THIOLLENT, M.J.M; COLETTE, Madalena M. Pesquisa-Ação, Universidade e Sociedade. *Mbote*, v. 1(1), 2020.

WALSH, Catherine. Interculturalidad y (de)colonialidade: perspectivas críticas y políticas. *Visão Global*, v. 15 n. 1-2, 2012. Disponível em: <https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/visaoglobal/article/view/3412>. Acesso em: 10 jun. 2022.